



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
ILUCSAL - INSTITUTO DE LETRAS
LÍNGUA PORTUGUESA V (DIACRONIA)
DOCENTE: CLÁUDIO RIBEIRO QUEIROZ**

**COMPARAÇÃO DE MÚSICAS CARNAVALESCAS AO LONGO DO
TEMPO**

Edinan Santos Cerqueira
Ligia dos Santos Bispo
Livia dos Santos Bispo

**Salvador/BA
2016**

COMPARAÇÃO DE MÚSICAS CARNAVALESCAS AO LONGO DO TEMPO

Edinan Santos Cerqueira
Ligia dos Santos Bispo
Livia dos Santos Bispo

RESUMO - Indubitavelmente trabalhar com interpretações de canções sempre deixa um campo amplo a diversos pensamentos e análises, e com este artigo não se difere. A ideia de interpretar “Cabeleira do Zezé” e “Cabelo de chapinha”, que cronologicamente tem uma exata diferença de 52 anos, surgiu para explanar a ideia que muitas músicas se modificam, mas o corpo ou a ideia permanece(m). Todavia, concomitante a isso, a população mesmo festiva, afinal são músicas carnavalescas, se instrui e percebe palavreados muitas vezes ofensivos contra ela mesma. Com isso, o foco inicial deste projeto é esmiuçar e pontuar os palavreados utilizados nas composições aqui supracitadas, analisando a perspectiva gramatical e a recepção da sociedade.

Palavras-chave: Interpretar. Músicas. População. Carnavalescas.

INTRODUÇÃO

A partir do momento em que surgira o interesse deste trio acadêmico em trabalhar o tema “Comparação de músicas carnavalescas ao longo do tempo”, os integrantes tomaram por partida logo selecionar as canções a serem trabalhadas aqui neste artigo, e elas são: “Cabeleira do Zezé”, de Roberto Faissal e João Roberto Kelly, exposta entre os anos de 1963 e 1964, e, para fazer a continuação desta análise trazendo uma música mais atual, decidimos interpretar “Cabelo de chapinha”, do cantor e compositor Bell Marques, que depois, em virtude de inúmeras falácias desagradáveis ao em torno da mesma, decidiu alterar letra e nome da composição para “Minha deusa”.

É sabido por todos que cada povo tem seu estilo de vida e cultura em seus diversos momentos dentro da história, portanto, com certeza o contexto histórico da primeira canção difere bastante quanto à segunda. Na primeira o país vivia uma proximidade muito grande já dos primeiros sintomas e passos do Regime Militar (1964-1985), o carnaval era menos ousado e o estilo das canções era completamente diferente ao que estamos acostumados aos dias em curso. Assim, a

conjuntura política que engloba ou englobou “Cabelo de chapinha” é muito discrepante a empírica realidade da canção analisada em ordem primária.

Quanto à segunda, o estilo do carnaval baiano era muito mais brando, até porque a “Axé Music”, criada pelo baiano Luiz Caldas, se iniciou em meio a um período de fim da Ditadura Militar e começo de um novo momento democrático, o qual vivemos até hoje. Portanto, o estilo musical hoje é até mais livre e deixa margem a inúmeras linguagens e interpretações. É importante salientar também que o nível de instrução dos brasileiros se modificou nitidamente, porque o povo está mais instruído e escolarizado, criando campo para debates mais largos e densos.

Por isso, quando fora publicada a segunda canção aqui analisada, os representantes do movimento negro logo bateram de frente, foram de encontro alegando haver um forte preconceito e estereótipo em estavam inclusos a letra da canção. Assim, ao longo do presente artigo, explicações serão dadas na tentativa de elucidar, comparar e deferir o estilo, momento e repercussão de ambas as composições.

1. COMPARAÇÃO DE MÚSICAS CARNAVALESCAS AO LONGO DO TEMPO

Quando se fala sobre o português que a gente, ou seja, que se fala no Brasil, nós pensamos logo em Portugal, pois já temos esta ideia no consciente. Mas, na verdade, não sabemos de toda história sobre a língua que o brasileiro tanto usa. Já se sabe que foi através da língua que o homem começou a manter o seu contato e com isso surgiu a comunicação e tudo foi se revelando na conversas grupais. Por causa da língua os nossos ancestrais deram saltos à frente de outras espécies. A língua sempre foi importante para todos os povos, sejam antigos ou atuais. Um exemplo disso foi em Roma, que logo quando seus guerreiros invadiam o território adversário obrigavam o povo conquistado falar a língua que lá era usada, notavelmente isso era uma forma de mostrar o poder e mostrar o controle do território, seria a posse da região e, com isso, aquele lugar já passava a ter novos donos. No Brasil não foi diferente, pois a língua que aqui se usava era indígena e com a colonização do português ocorreram mudanças nela, na cultura, religião, etc.

Sabendo-se que a língua veio de longe, ou melhor, de outras vertentes, o linguista Joaquim Mattoso Câmara, 1985, p. 12 diz:

A língua portuguesa, como várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas "românicas", ou neolatinas, que tem seu ponto de partida no latim, a língua do Lácio na Itália Antiga, ou, mais especificamente, da cidade de Roma.

Em Roma se falavam dois tipos de latim: clássico e vulgar, no qual o primeiro era usado pela pessoa culta nas escritas e falas, já a segunda era o usado pelo povo, pois foi aprendido com os soldados quando dominavam algum território, impondo a língua que vai ser usada fazendo com que o povo colonizado mude sua cultura, assim que começaram a serem feitas as expansões do latim. O português de Portugal foi o primeiro a sofrer influência latina, como em outras regiões, todos se apropriaram do vulgar para formar a fala, que permanece até hoje, mas variações ocorreram com o tempo. A língua na qual temos retratado aqui, que é tido como língua morta, mostra que ainda permanece bem viva nos documentos e ramificações que admitiu.

Na realidade o latim vulgar é que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva. O latim clássico só era vivo na medida em que recebia influência do latim vulgar e se tornava, com isso, mais maleável e mesmo tanto dinâmico. (MATTOSSO, 1985, p. 20)

A língua escrita era o latim culto onde só quem fazia parte da literatura tinha acesso a estas obras eram pessoas de poder aquisitivo elevado, ou seja, a elite da época. Esta literatura na verdade trabalhada e gramaticalizada que foi usada na prosa com Júlio César, e, na poesia, se destacou Lucrecio, autor de poema filosófico, na obra de Homero e Horácio e obras de Plínio, também em obra como discurso político.

Usado na igreja Católica, onde poucos entendiam o latim culto, e era através desse fator que muitos padres usavam como forma de dominar o povo, pois quando a população ia assistir o culto eles pregavam a palavra escrita de forma em que a Igreja tivesse seu lucro, admissão de fiéis, por não saber do que ali estava realmente retratado, e com isso muitos adeptos foram lesados. Não é novidade para ninguém, porquanto é uma clara amostra que o domínio da língua verdadeiramente dá maior poder ao Homem.

A língua que o brasileiro fala no seu cotidiano veio de Portugal e chegou aqui com a colonização do Brasil, com a vinda dos colonizadores. Assim, esses trouxeram uma nova cultura, religião e o uso da nova língua. O índio que já vivia na região foi obrigado a aprender o idioma do branco, uma imposição, afinal eles limitavam-se a obedecer e precisavam ter uma comunicação com aqueles algozes. É importante salientar que o processo de variação acompanha o Brasil desde aquela época, claro que lá, com menor intensidade. Aqui no Brasil não se apropriou somente da fala e escrita portuguesa em quanto país e sim de vários escravos que vieram de inúmeras partes, pois o objetivo era o maior número de falantes possíveis com aquele dialeto.

O negro teve que aprender a falar o idioma do branco para poder ter manter contato, porque ele tinha que saber o que o senhor estava falando. E eles além de saberem seu idioma eram forçados, assim como os indígenas, a aprenderem o dos seus donos. Mas foi esta junção ou adição de povo: branco, negro e aborígine, e com fatores como religião, cultura, língua, etc., totalmente diferentes que os traços brasileiros muitos mais fortes e miscigenados. Mas deve ser claro que bebemos em diversas fontes até chegar onde estamos e sabermos as palavras que devem ser usadas no cotidiano pode ser de origens algumas vezes inimagináveis. Porém não foram somente estes povos supracitados que a nossa língua teve uma apropriação, mas de muitos outros.

O adequando é falar que fizemos inúmeras acoplações, e abaixo seguem algumas:

- a) Do grego: anjo, apóstolo, bíblia, drama, batizar, telefone, teatro, governar, etc.
- b) Do hebraico: Jesus, Páscoa, sábado, etc.
- c) Do alemão: chique, hamster, valsa, blitz, albergue, ganso...
- d) Do árabe: azeitona, azeite, bazar, alface, açúcar, álcool, sorvete, xarope, café, leilão...
- e) Do francês: abajur, balé, buquê, madame, bijuteria, chofer, crochê, filé, greve, garçom, etc.
- f) Do italiano: lasanha, nhoque, piano, mortadela, pastel, ricota, confete, gueto, etc.
- g) Do tupi : canoa, arara, pitanga, Guarani, saci, mandioca, jiboia, Iracema...

- h) Das línguas africanas: acarajé, caruru, cafuné, axé, candomblé, búzios, cachaça, caxumba, inhame, lemanjá, Ogum, pomba-gira, moleque, mungunzá, farofa, fubá, samba, vatapá, senzala, maxixe, jiló, berimbau, bunda...

Com o passar do tempo “o brasileiro” foi sofrendo variação através das regiões que existem no Brasil por causa de culturas, num aspecto geral, totalmente distintas. Isso ocorre normalmente deixando alguns falantes confusos, pelo motivo de numa região determinada palavra ter um significado, noutra outro(s) completamente diferente. Isso faz com que algumas pessoas imaginem que certa região fala sempre errado, como surgiu o mito que o Maranhão fala “o português mais correto de nosso país”, não sabendo, muitos desavisados, na verdade que ali ocorre uma variação linguista, neste caso diatópica, enriquecendo ainda mais o poder de comunicação dos falantes.

Temos usado em conversas palavras que não são nossas, contudo falamos tanto que esquecemos que não pertence a nós. O Anglicismo é o uso da palavra que veio de fora, do norte da América, que são utilizadas no cotidiano, seguem alguns exemplos: Shampoo, Shopping, Mouse, Outdoor, Delete, Motoboy, Pet shop, etc. Na verdade nosso português brasileiro é uma língua que teve uma mistura de povos, culturas, religiões, dentre outros fatores, completamente diferentes e se formou aqui rica e cheia de detalhes, dando a entender que é complicada, entretanto, na verdade, só é um idioma que se apropriou de vários grupos distintos, formando um linguajar vastíssimo, no qual bebeu em inúmeras fontes do conhecimento.

2. Interpretações musicais

A partir das canções selecionadas para a elaboração deste artigo, e estas são: “*Cabeleira do Zezé*”, composta por Roberto Faissal e João Roberto Kelly, com interpretação de inúmeros outros cantores, e, “*Cabelo de Chapinha*”, hoje também conhecida como “*Minha deusa*”, de autoria e interpretação de Bell Marques, tentaremos esmiuçar seus versos buscando facilitar mais a compreensão do leitor

acerca do assunto aqui a ser retratado, “o passado e o presente das músicas carnavalescas”.

Tomando premissa dos pensamentos e interpretações em torno das canções, é de se considerar o raciocínio a seguir no que diz respeito à literatura:

[...] a literatura quer como ficção, quer como estilo, esboça-se no texto das mais elementares relações humanas; as mais simples e constantes mudanças das coisas e dos propósitos sociais estimulam transferências de significados, quer dizer, metáforas, imaginação analógica, e até anedotas que contêm verdadeiros símbolos e juízos. (SARAIVA; LOPES; 1996, p. 10).

A música também parte da mesma iniciativa, afinal nem sempre é uma evidente e sincera realidade, sim uma representação das mesmas. Sabendo-se que, também na maioria das vezes é apenas uma forma do(s) compositor(es) expressar(em) sentimento ou fazer uma mistura de palavras que envolvam os ouvintes, geralmente com estilo próprio e termos convenientes ao(s) momento(s) vivido(s) por ele(s): felicidade, exaltação, confusão, amor, ódio, etc.

Partindo dessa premissa, a primeira canção a ser comentada aqui será “*Cabeleira do Zezé*”, dos autores supracitados. Em meio a um período muito conturbado na política brasileira, em finais do governo João Goulart (1961-1964), com a nova possível e comentada aproximação do “Perigo Vermelho”, o Comunismo (porque este já havia sido mencionado e vinha ameaçando a população, ao menos na ideologia dos políticos, em meados dos anos 30 do mesmo século XX, durante o Governo Constitucional, 1934-1937, de Getúlio Vargas), somente as festas realmente poderiam descontraír um pouco mais a população.

Então, entre 1963 e 1964, Jorge Goulart cantou junto a Roberto Faissal, ambos hoje já falecidos, pela primeira vez a canção da qual nós aqui estamos dispostos a retratar. Junto com “*Joga a chave, meu amor*”, foram os dois grandes sucessos desses anos. O povo, em meio à folia, aprovou e passou a repetir ainda mais vezes a famosa “cabeleira do Zezé”, que virou um grande ritmo dos carnavais brasileiros em qualquer parte do país mesmo hodiernamente.

Assim, a letra de versos curtos, rimas simples e melodia festiva, tipicamente carnavalesca, conquistou os foliões da época e, na verdade, persiste como das principais marchinhas até as comemorações atuais. Segundo o próprio autor, João

Roberto Kelly, em entrevista ao programa “Encontro”, da jornalista Fátima Bernardes, num local boêmio, na cidade do Rio de Janeiro, o qual chamava de bodega, trabalhava um garçom com, palavras de Kelly, “jeito invocado”. A começar pelos seus cabelos longos, com topete desconexo ou desproporcional ao corte e estilo de andar “cômico”.

Talvez, pelos atuais comportamentos da sociedade a música não seria tão bem aceita e viraria um “rit.” tradicionalíssimo há mais de cinquenta anos. Fato que ocorreu com “Cabelo de chapinha”, primeiro nome da melodia composta por Bell Marques, lançada para o carnaval 2016 que, após receber muitas críticas, principalmente de movimentos negros, resolveu mudar alguns trechos do que havia escrito. Os militantes alegaram que a letra da canção se chocava com um estereótipo americano e não brasileiro, com cabelos lisos e modificados quanto a sua originalidade.

2.1 Cabeleira do Zezé

A partir da letra posta em anexos, começemos a esmiuçar partes da música “Cabeleira do Zezé”. Logo em seu primeiro verso “Olha a cabeleira do Zezé”, o autor tem a intensão de chamar atenção do cabelo que aparentemente é exótico, discrepante, quiçá até de novo estilo. Conseqüentemente, existe o trecho mais repetido dentro da composição, este é “Será que ele é ? Será que ele é?”. Ora, gramaticalmente falando vemos ali um caso de coesão referencial por reiteração, que significa a repetição de um termo dentro da escrita, e neste caso, percebemos que a colocação e insistência nele é proposital, para chamar atenção e dar ênfase àquele trecho.

Continuando a análise da parte do parágrafo anterior, essa costuma ser uma pergunta de caráter dúbio ou ambíguo. Desde a época, enrustido em suas letras e sílabas, a passagem denota traços preconceituosos, porque põe em dúvida, isso desde a época, a condução sexual de alguém. Basicamente é como se a mensagem, por se fás ou nefas, fosse passada de forma incompleta, faltando algo ao final da frase. Continuando, versos depois, o eu-lírico, quem está na sátira da canção, coloca duas interjeições para o espectador.

“Será que ele é bossa nova? Será que ele é Maomé?”. Distribuindo-se em partes respectivas, na primeira pergunta o termo utilizado, para a época, se refere a algo ou alguém que tem um jeito ou forma diferente, original. Afinal, entre os anos 30 e 40, este ritmo de sangue brasileiro foi criado dando nova cor e charme a Música Popular Brasileira. Assim, o eu-lírico pode admitir uma possibilidade do indiferente ser um novo estilo. Já quando ele ressalta “Maomé”, na segunda passagem, religiosamente falando um dos maiores exemplos masculinos que já houve na humanidade, sendo referência pela sua postura em histórias bíblicas, ele se questiona se o rapaz também pode ser um mero homem de cabelos fartos e vastos.

Posteriormente o extrato a ser analisado é “Parece que é transviado...”. Vejamos. Pensemos. Analisemos... Não é uma clama manifestação de sua opinião imposta quanto ao estilo do mancebo, chegando até a achá-lo homossexual somente por isso? Além dos fatos apresentados, há uma junção de dois vocábulos usualmente usados para humanos com essa conduta. Repare: “trans”, vindo de, por exemplo, transexual, e “viado”, nome vulgarmente utilizado para aqueles que se trajam como homens e tem prazer com parceiros do mesmo sexo. E para terminar de analisar esta estrofe, segue o “Mas isso eu não sei se ele é”. O que aparenta é que o eu-lírico diz não saber afirmar, mas pelos versos anteriores tem sua determinada opinião e conclusão.

Posto como mais uma coesão referencial por reiteração, vêm os fragmentos repetidos quatro vezes “Corta o cabelo dele!”. Voltando novamente a pensar de acordo a Língua Portuguesa, ao final do verso existe uma exclamação que, neste caso, só pode ser interpretada como um imperativo. Percebe-se que mesmo em tom descontraído e festivo, de forma autônoma, por não gostar, rejeita o estilo visto e, dando uma ordem, clama algumas vezes que o cabelo seja cortado. Assim visualizamos uma imposição intolerante que fecha toda análise da música onde podemos perceber nitidamente que há uma rejeição ao “novo modo capilar” de Zezé.

2.2 Minha Deusa

Apesar de pouquíssimos meses, inquestionavelmente, “Minha Deusa” já rendeu muitos assuntos e debates em virtude de sua letra. Portanto, como fizemos no capítulo anterior, com esta canção não será diferente. Como já é tradicional no carnaval de Salvador, anualmente gera-se sempre uma grande expectativa sobre a “música do carnaval”. Inúmeros artistas, em sua maioria da música baiana, colocam suas músicas de ritmos agradáveis e refrão “melô”, que se pode aprender fácil e tenha uma coreografia divertida. Experiente na folia, Bell Marques, ex-vocalista do Chiclete com Banana, agora em carreira solo, fez uma composição chamada de “Cabelo de chapinha”, hoje, modificada para “Minha Deusa”.

Logo que começou sua divulgação, com a letra posta nos anexos deste artigo, “Cabelo de chapinha” gerou um verdadeiro furdunço. Adeptos ao movimento negro que está na busca da quebra de paradigmas e principalmente do preconceito contra essa raça, decidiram se atentar a letra da canção e ir de encontro a composição. Alegando ter uma clama veemente ao estereótipo de mulher norte-americana, europeia, os militantes criaram um verdadeiro repúdio e até movimentações nas redes sociais contra a música. Percebendo tal furor e a desordem gerada, o cantor e compositor Bell Marques optou por modificar a letra. Lembrando que, neste artigo, nos anexos aparecerão as duas formas de publicação da canção, porém somente a que fora modificada será analisada.

Começando a analisar nos deparamos com “Minha nêga, vai lá no salão, faz aquele corte que seu nêgo gosta...”. Logo em princípio o eu-lírico masculino pede que o eu-lírico feminino corte os cabelos da maneira que o agrada, uma espécie de pedido apenas ao que agrada a ele. “Me traz seu coração, porque essa noite só vai dar eu e você...”. Aproveitando a premissa da primeira passagem, analisando bem rigidamente, o rapaz parece dizer que só terá uma noite agradável se o corte de cabelo for aquele que o apetece. Uma espécie de chantagem simples.

Trecho seguinte “Com esse amor ninguém pode / Só água na cabeça / Pra apagar o fogo”. Em clima nupcial, existe uma exaltação e grau de superioridade quanto a grande de paixão que envolve os dois. Porém, nos fragmentos que sucedem, observemos que não é preciso se ter um cabelo liso artificial para

saber que, somente com a chuva, ou melhor, a “água na cabeça”, que a “chapinha” se desfaz, ou como dito, “pra apagar o fogo. A partir daí, a música ganha traços repetitivos, seu refrão ou como já vimos, a coesão por reiteração.

Repare “Ô, mainha, mas eu só gosto do cabelo de chapinha, mainha...”. É notório que realmente, neste trecho, houve um equívoco grande por parte de Bell e talvez seja o que mais tenha causado o enfurecimento dos militantes. Porque a situação que poderia ser casual, se torna única e dependente, sem espaços para nuances ou mediações, afinal o “só gosto” resume a um prazer invariável, focalizado apenas naquele sabor ou prazer. Vale-se ressaltar também a marcante forma carinhosa de alguns baianos de chamar sua mãe ou demais mulheres que se tenha algum tipo de afeto: “mainha”.

Após aí a canção se resume ao refrão “Tá liso, tá lisinho”, para completar a saga de cabelos, pois a maioria das mulheres nativas têm suas madeixas cacheadas, agora alisado. Mas é importante dizer que a canção não vingou, marcou o carnaval para o cantor, talvez negativamente, e poucas vezes, segundo a imprensa, foi ouvida nas vozes de outros intérpretes, até porque a “Metralhadora”, da Vingadora, interpretada por Taís Reis, foi o sucesso daquele momento. Por fim, interessante também notar a forma suprimida, em virtude da oralidade, de algumas palavras como: para – pra / Está – Tá.

3. COMO AS SOCIEDADES REAGIRAM COM AS LETRAS DAS MÚSICAS

Após anos sendo forçadas a utilizarem um padrão de beleza europeu, as mulheres brasileiras vêm conquistando seu espaço na sociedade, podendo utilizar seu estilo de cabelo natural. No final do ano de 2015, uma das músicas que surgiu no carnaval de Salvador de 2016 causou muita polêmica.

Diversas discussões ocorreram nas redes sócias e “Cabelo de chapinha”, composta por Felipe Escandurrár, Fagner e Gileno, mas depois modificada e tendo somente como compositor Bell Marques, causou um verdadeiro rebu. Internautas e seguidores do cantor na internet, dentre as inclusas mulheres negras, alegaram que a letra da música é racista e preconceituosa. O verso da canção fala sobre uma “nêga” que é forçada a ir ao salão para se arrumar (alisar o cabelo) para o seu

companheiro. O refrão da musica diz: “Ô mainha, mas eu só gosto do cabelo de chapinha, mainha...”

Fãs e seguidores do cantor criticaram a música, pois a canção desvalorizava a beleza da mulher negra. Mulheres que por anos lutaram para poder sair da escravidão da chapinha e usar seus cabelos do jeito que ele são, sejam: cacheados, blacks ou crespos. Bell Marques teve que comparecer a uma audiência no Ministério Público, onde o mesmo assinou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em que garante mudar a letra da música. Dias depois o cantor publicou em sua rede social o novo nome da musica (Minha Deusa) e o novo refrão:

“Ô, mainha,

Eu também gosto do cabelo de chapinha, mainha

Tá lindo, tá lindinho, tá lindo, tá lindinho”

O refrão antes da mudança era assim:

“Ô mainha, mas eu só gosto do cabelo de chapinha, mainha

Ô tá liso, tá lisinho. Tá liso, tá lisinho

Tá liso, tá lisinho. Tá liso, tá lisinho”

Após a alteração da letra esta pode ser cantada no carnaval de Salvador de 2016.

Já em 1889, quando as marchinhas de carnaval faziam sucesso nas ruas e bailes, a primeira música reconhecida como marcha de carnaval foi “Abre Alas”, composta pela pianista e regente Chiquinha Gonzaga. No ano de 1964 quando a marchinha de carnaval “cabeleira do Zezé” foi criada por Roberto Faissal apresentador e cantor e por João Roberto Kelly. Segundo os compositores a música foi para homenagear um garçom do bar São Jorge, local onde eles frequentavam, o mesmo chamava José, ele tinha um cabelo grande e chamava a atenção de todos que frequentava o local, pois era incomum para época usar o cabelo grande. Não perdendo a oportunidade, Kelly e Roberto começaram a compor a famosa

”Cabeleira do Zezé”. A musica não teve tanta polêmica quando foi lançada, todavia nos dias de hoje é considerada homofóbica.

Em 2008 o muçulmano brasileiro Marcelo Abbas Musauer, acusou a marchinha de carnaval “Cabeleira do Zezé” de ser uma ofensa a Maomé. Musauer afirma que a marchinha “enxovalha” o nome do profeta criador do Islamismo. Ele pediu a abertura de um processo contra o detentor dos direitos autorais da canção. A justiça fluminense indeferiu o pedido com argumento que a marchinha “Cabeleira do Zezé” não se refere à religião islâmica nem faz alusão negativa a Maomé, a letra só relaciona Maomé a uma pessoa cabeluda como mostra nas gravuras.

No ano de 1889 quando foram criadas as primeiras machinhas de carnaval, de modo que isso já foi dito anteriormente, não existia homofobia como temos atualmente. Além da marchinha “Cabeleira do Zezé” teve também a marchinha de carnaval “Maria Sapatão” que foi feita por João Roberto Kelly um dos compositor de “Cabeleira do Zezé”, as duas não tiveram tanta polêmica como a música “Cabelo de Chapinha” cantada por Bell Marques, pois hoje a sociedade tem acesso as redes sociais, uma ferramenta que muitos usam para postar suas opiniões e indignações, criando afeto ou aversões a quaisquer tipo de publicação que, no caso da segunda, algum desavisado venha a pôr na rede mundial de computadores.

CONCLUSÃO

Ao analisar essas canções, inquestionavelmente utilizamos dois pontos fundamentais da Linguística, seus aspectos Sincrônicos, pois estudamos elas quanto às suas perspectivas da época, e Diacrônicos, afinal buscamos, em amíúde, destrinchar seus detalhes, repercussões, recepções e conhecimentos da sociedade ao longo dos tempos entre as publicações. Também, de forma agradável, reforçamos o quanto é importante a movimentação e instrução de um povo, saindo do conformismo e sempre buscando novas informações. A mutabilidade e as adaptações sofridas em torno da língua também valeram de muito, porque esta nos deixa bastante a vontade e leves para sua utilização, desde que, na escrita, de acordo a Norma e, na fala, com compreensão do(s) ouvinte(s).

. REFERÊNCIAS

- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. Introdução. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4ed. Rio de Janeiro; Padrão. 1985, 12-20 p.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. Capítulo I: Reflexões Preliminares. **História da Literatura Portuguesa**. Porto; Bloco Gráfico Ida.; 1996, 10 p.
- Redação Nova Escola. **A história da Cabeleira do Zezé**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/cabeleira-zeze-673608.shtml>. Acesso em 11 de março de 2016.
- ARAÚJO, Clara. **A história da Cabeleira do Zezé**. Disponível em: <http://www.radiotube.org.br/texto-MPW4IPFJ>. Acesso em 16 de março de 2016.
- MARTINS, Maria Cristina. **A LÍNGUA LATINA: SUA ORIGEM, VARIEDADES E DESDOBRAMENTOS**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/36/02.htm>. Acesso em 26 de março de 2016.
- LIMA, Carlos. **Cabelo de chapinha**. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/bell-marques/minha-deusa-cabelo-de-chapinha.html#ixzz44TfJ5bl7>. Acesso em: 26 de março de 2016.
- ALBIN, Ricardo Cravo; CABRAL, Sérgio; MARCONDES, Marco Antônio. **Cabelo de Chapinha**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Roberto_Kelly. Acesso em 11 de março de 2016.
- Redação Pragmatismo. **Cantor vai alterar a música “Cabelo de chapinha” após protestos**. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/12/cantor-vai-alterar-musica-cabelo-de-chapinha-apos-protestos.html>. Acesso em 15 de março de 2016.
- DUARTE, Vânia. **Estrangeirismos**. Disponível em: <http://escolakids.uol.com.br/estrangeirismos.htm>. Acesso em: 26 de março de 2016
- Revista Consultor Jurídico. **Fiel do Islã entra com ação contra marchinha de carnaval antiga**. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2015-jan-15/fiel-isla-entra-acao-marchinha-carnaval-antiga>. Acesso em 22 de março de 2016.
- Redação Aratu Online. **Letra nova: Cabelo de Chapinha**. Disponível em: <http://www.aratuonline.com.br/universoaxe/noticias/cabelo-de-chapinha-letra-da-nova-musica-de-bell-e-alterada-e-passa-ser-chamada-de-minha-deusa/>. Acesso em 16 de março de 2016.

NOGUEIRA, Sérgio. **Veja exemplos da influência do grego nas palavras em português.** Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/veja-exemplos-da-influencia-do-grego-nas-palavras-em-portugues.html>. Acesso em: 26 de março de 2016.

ANEXOS

Cabeleira do Zezé – Roberto Faissal e João Roberto Kelly

Olha a cabeleira do Zezé

Será que ele é?

Será que ele é?

Olha a cabeleira do Zezé

Será que ele é?

Será que ele é?

Será que ele é bossa nova?

Será que ele é Maomé?

Parece que é transviado

Mas isso eu não sei se ele é

Corta o cabelo dele!

Corta o cabelo dele!

Corta o cabelo dele!

Corta o cabelo dele!

Cabelo de Chapinha – Bell Marques

Minha nêga, vai lá no salão,
Faz aquele corte que seu nêgo gosta
De te ver, me traz seu coração
Porque essa noite só vai dar eu e você

Com esse amor ninguém pode
Só água na cabeça
Pra apagar o fogo

Ô, mainha, mas eu só gosto de cabelo de chapinha, mainha
Tá liso, tá lisinho
Tá liso, tá lisinho...

Atual composição: Minha Deusa – Bell Marques

Minha Deusa, dia de salão
Lindo é seu jeito, todo mundo gosta de te ver
Me traz seu coração
Que esta noite só vai dar eu e você

Com esse amor ninguém pode
Só água na cabeça
Pra apagar o fogo

Ô, mainha
Eu também gosto do cabelo de chapinha, mainha
Tá lindo, tá lindinho, tá lindo, tá lindinho"